

## AS HUMANIDADES E A DEMOCRACIA DO AUTOCONHECIMENTO

*Dada a magnificência maltrapilha do mundo,  
quem desejaria viver uma única vez?  
—Mark Edmundson—*

Bombardeada por um volume cada vez mais vertiginoso de *fake news* e por produtos artísticos de rápido consumo, brilhantemente envernizados mas direcionados a uma cultura de massa alienante, nossa sociedade ocidental contemporânea custa a enxergar-se solapada, fragmentada, esvaziada. Para não incorrerem em argumentação com contornos excludentes e/ou discriminatórios, enfatizamos, de antemão, que não se trata de não reconhecer as infinitas possibilidades de manifestação artística, que têm servido, cada uma a seu modo, histórias, contextos e demografias diferentes. No entanto, enquanto pesquisadores da linguagem em seus múltiplos semblantes — preocupados com investigações que lancem luz sobre o intrincado vínculo entre teoria, objeto e realidade —, nos cabe insistir na energia e no elemento primários dos fenômenos artísticos que almejam permanência no inventário cultural da humanidade, quais sejam, *atemporalidade e profundidade*. Via linguagem (qualquer que seja ela, a depender das necessidades deste ou daquele artista), a arte que não consegue permanecer em estado de ressonância ao longo de gerações e que não se desponta a partir de múltiplos rizomas semânticos — não sendo, portanto, capaz de nos provocar à tentativa de compreensão das complexas relações em sociedade — já se vê fadada ao terreno do efêmero e de limitadas (se existentes) contribuições.

Por conseguinte, um comentário a respeito de artefatos da cultura requer obrigatoriamente uma discussão — ainda que breve e com a intenção principal de servir como provocação a desdobramentos posteriores — do papel das humanidades e das atuais condições de seu ensino em nossa sociedade. Sendo domínio amplo, multiangular e interdisciplinar, as humanidades abrangem múltiplos discursos e entrelaçamentos discursivos e, por essa razão, faz-se necessário escolhermos uma via para nossa incursão reflexiva. Para este diálogo, a obra *Why teach?: in defense of a real education* (Por que

*lecionar?: em defesa de uma educação verdadeira*), publicada em 2013<sup>1</sup> por Mark Edmundson, assumirá posição central por nos auxiliar a compreender as relações entre ensino de humanidades (especificamente ensino de literatura), sua teleologia (isto é, suas finalidades, seus objetivos) e o papel do intelectual/professor de letras. Embora a opção para análise tenha sido o ensino de literatura, o leitor rapidamente perceberá que os fundamentos teóricos e os desafios expostos não se limitam exclusivamente ao trabalho acadêmico com essa manifestação estética; pelo contrário, a discussão desvela sintomas e entraves comuns presenciados por qualquer humanista em atuação no século 21.

Primeiramente, as coisas primeiras. O diagnóstico inicial levado a cabo por Edmundson (2013, e3.1)<sup>2</sup> identifica que, a partir da última década do século 20, a educação em contexto acadêmico submeteu-se a um substancial desvio de rota: a bússola da educação superior foi alterada e, portanto, as iniciativas educacionais que antes se norteavam por questões intelectuais e culturais passaram a ser formatadas obsessivamente por interferências econômicas. Esvaziadas de sua teleologia intelectual e espiritual, as universidades começam a comercializar prestígio e lucro, que se tornam as principais *commodities* a serem negociadas com seus alunos. O corpo discente muda de papel e se torna um coletivo de clientes, ávido por facilidade, diversão e diplomas (troféus da jornada, passaportes idealizados para o mercado de trabalho). Aos poucos, a atuação do corpo docente também enfrenta modificações nucleares: para uma sociedade utilitarista, o diálogo prolongado com obras das humanidades é encarado como espécie de passatempo conduzido agora por professores-anfitriões, interpelados a oferecer “consumo e entretenimento” (Edmundson, 2013, e3.10). Desacelerar, de modo que as complexas urdiduras filosófica e literária possam falar direta e profundamente ao espírito, torna-se ação necessária e inquestionável, embora aparente ser inalcançável. O inventário clássico se torna uma espécie de Polinices, cadáver exilado à espera de seu sepultamento, mas que incomoda justamente por muito dizer em seu silêncio.

A máquina social deve avançar e continuar produzindo seus frutos econômicos. Para tanto, não mais interessam nem a expansão da mente nem o profundo conhecimento de nossos próprios corações (Edmundson, 2013, e3.14). Doutrinados a seguirem,

---

<sup>1</sup> EDMUNDSON, Mark. *Why teach?: in defense of a real education*. New York: Bloomsbury, 2013. *E-book*.

<sup>2</sup> Por se tratar de obra estudada em formato *e-book*, serão indicados, na chamada, o sobrenome do autor, o ano de publicação e o número da entrada (ex.: e3.14) gerado pelo leitor digital de EPUB. Todas as traduções foram realizadas pelos autores.

desenfreadamente, em busca dos louros capitalistas prometidos por uma “boa educação”, os estudantes se perdem pelo caminho, embora aprendam exatamente como manter lubrificada a engrenagem social: “a educação nos prepara agora para uma vida de conformidade e para o tédio do ambiente de trabalho, em troca dos quais podemos ter nossos iPhones, nossas telas planas, nossas músicas favoritas, Facebook e Twitter” (Edmundson, 2013, e3.13). Não é de espantar, em face desse contexto de superficialização das coisas e pessoas, que enfrentamos um emaranhado composto por dois fios principais: de um lado, lutamos contra uma “cultura acadêmica decadente” (Edmundson, 2013, e3.15); de outro, lecionar tornou-se uma “profissão impossível” (Edmundson, 2013, e3.16) em nossa contemporaneidade.

A partir do olhar crítico de Edmundson (2013, e8.13) também diagnosticamos outro impasse intrínseco ao corpo docente que tem se acentuado nos últimos anos: a própria alienação dos professores. O desinteresse mútuo entre professor e estudante tem se intensificado e, a partir dessa ausência dupla, o espaço acadêmico converteu-se em território desertado. É como se já não houvesse vida real dentro de uma universidade porque tudo que é relevante à vida dos professores e alunos está fora do perímetro universitário: na verdade, em qualquer lugar, exceto lá. Decorre daí um pacto tácito, alienante e duradouro:

Os estudantes e professores fizeram um trato: nenhum deles precisa se lançar de coração e alma ao que acontece na sala de aula. Os estudantes escrevem seus ensaios abstratos e superintelectualizados; os professores atribuem notas por sua capacidade de serem abstratos e superintelectualizados — e, frequentemente, por serem genuinamente espertos. Porque os ensaios podem ser brilhantes, de modo gélido; podem também ser recortados da internet, e frequentemente o são. Qualquer que seja o caso, ninguém quer investir muito tempo neles — porque a vida está em outra parte. O professor economiza suas energias para a profissão enquanto os estudantes as economizam para seus amigos, vida social, trabalho voluntário, para fazerem contatos e chegarem a uma posição para agarrarem as mãos no verdadeiro Graal, o primeiro emprego. (Edmundson, 2013, e8.15).

Por mais desoladora que esteja a paisagem, não se trata, no entanto, de apontar o dedo para este ou aquele suposto vilão, tendo em vista que as forças que têm feito minar a salutar e construtiva interação entre professor e estudante são bem outras e ultrapassam o contexto da sala de aula, que é somente mais um dentre todos os espaços prejudicados pela ambiência de reificação que (des)norteia a sociedade contemporânea.

Diagnóstico adicional digno de ser aqui enfatizado refere-se à queda do número de estudantes interessados em seguir carreira na área das humanidades. Ampliou-se

vertiginosamente a porcentagem de inscritos nas áreas da Economia e Administração, ao passo que o curso de língua materna — no caso de Edmundson, a graduação em língua inglesa — permanece em seus malabarismos para seguir sobrevivente. Escreveu o crítico doze anos atrás: “em 1970, cerca de 8% dos estudantes eram do curso de língua inglesa; por volta de 2004 [...], tínhamos 4%. Atualmente, o [índice] deve estar abaixo de 2 ou 3%” (Edmundson, 2013, e13.1). Diante dessas estatísticas, precisamos estigmatizar um vilão: de um lado, há vozes que garantem que o fracasso das humanidades decorre da falta de entretenimento (!) dos cursos; de outro, pronunciamentos que nos parecem mais sensatos — e que seguem na direção argumentativa de Edmundson (2013, e21.51) — reconhecem que os entraves da educação humanística de hoje advêm da imersão da própria sociedade em um poço estagnado de rebotalhos culturais.

Paradoxalmente, em que pese tal desagradável constatação, nunca as humanidades foram tão necessárias. Pronuncie-se quem assim o desejar, da forma como bem entender, mas não há possibilidade de ser desconsiderada a relevância dos discursos literário e filosófico na educação; menos ainda na educação contemporânea. É a sabedoria legada por esses discursos que nos permite auxiliar nossos estudantes em sua iniciação às “complexidades do mundo adulto” (Edmundson, 2013, e3.8). Para o crítico, é evidente que os jovens buscam real aprendizagem, sobretudo para poderem se nortear com um pouco mais de segurança e menos inexperiência ao longo da jornada.

As humanidades seguem na contramão de uma sociedade guiada por finalidade econômica porque buscam educar o coração, não a mente. Tal educação não corresponde (como a imagem aqui possa fazer parecer) a algo romantizado, edulcorado, extraído de contos de fadas. A educação do coração traduz-se em mensagem direta: “tentar ser outro, ao invés do que realmente se é [...] é mortífero, a longo prazo” (Edmundson, 2013, e8.28). Uma educação incapaz de promover o autoconhecimento não cumpre plenamente seus objetivos.

A educação humanística certamente não é a mais desejável à maior parte dos interesses sociais contemporâneos porque sua habilitação primeira é para a autocrítica: desenvolver-se por meio das humanidades é aprender a manusear um repositório de ferramentas que promovem a própria autocrítica universitária, partindo-se da exposição consciente e absolutamente franca de que a educação contemporânea deformou-se unicamente em um meio para se alcançar um fim. Por essa razão, não se levam mais em conta “as esperanças que trouxeram [os alunos] ao estudo de grandes livros” (Edmundson,

2013, e3.16), mas somente questões concernentes e limitadas à prospecção de carreira.

O ensino consciente de literatura — e, por extensão, de outras áreas humanísticas — implica mudança de vida e tomada de consciência de que “uma [única] vida não é suficiente” (Edmundson, 2013, e13.4). Os acervos literário e filosófico, portanto, se distinguem por seu potencial formativo espiritual, no sentido de que nos fornecem respaldo para que o sujeito tenha sua individualidade plasmada em harmonia com sua essência. De outro modo, equivale a dizer que a inquestionável relevância das humanidades consiste na profundidade de conteúdos que sustentam e norteiam a formação do nosso *self*.

Também são as humanidades um lembrete de que a existência é “mais doce, mais trágica e mais intensa” (Edmundson, 2013, e13.4) do que costumamos conceber e de que, por essa razão, nunca se espera de nós, humanistas, que esgotemos os comentários direcionados a este ou àquele texto. A intensidade da vida, capturada pela cosmovisão e pela genialidade dos grandes mestres da literatura, é vibração parcial e temporariamente contida nas páginas de um livro. Cada oportunidade que temos de partilhar livros e textos e de dialogar sobre eles com nossos estudantes é uma oportunidade para que possam expandir sua consciência (Edmundson, 2013, e13.5), principalmente em relação aos mundos e às vidas possíveis.

O crítico estadunidense R. P. Blackmur (1904-1965) utilizou a expressão *estoque de realidade disponível* para designar a interação dialética entre a *minha vida* e a *vida possível vivenciada por personagens*. A arte, nesse ponto, confirma-se como o pré-real comentado pelo filósofo Adolfo Sánchez Vázquez (1915-2011), ou seja, como a antecipação posta em cena de uma realidade-alteridade. Explica-se, sem que tenhamos de prolongar o comentário, porque a tomada de consciência mais ampla não equivale a objetivo universal, coletivo. O confronto com alteridades plausíveis é convite imediato para o repensar dos valores e visões de mundo herdados, postura adotada pelo professor socrático analisado por Kaufmann (2017, p. 34)<sup>3</sup>. Que certezas temos de que todo o legado de nossa cultura contribui completamente à nossa expansão enquanto seres humanos? É realmente sensato assimilar todas as heranças sem qualquer questionamento, sem interpretá-las (mesmo que vez ou outra) *cum grano salis*? Anota Edmundson (2013,

---

<sup>3</sup> KAUFMANN, Walter. *The future of the Humanities: teaching art, religion, philosophy, literature, and history*. Abingdon: Routledge, 2017.

e18.17): “ler um livro pode tornar a pessoa mais receptiva à beleza do que ela jamais seria; pode torná-la mais sensível à injustiça, mais inclinada a ser autoconfiante”. Em síntese, este é o real intento da educação literária (podemos acrescentar: “e da educação humanística”): a promoção da autotransformação.

O real propósito de um curso de letras — sejam letras vernáculas ou estrangeiras — é contribuir com a formação de pessoas que, ao reconhecerem sobretudo (mas não somente) a linguagem verbal como seu objeto de estudo e de intervenção no mundo, sejam capazes de fazer uso deliberado e consciente dos códigos, em detrimento de serem por eles exploradas. Vê-se, sem qualquer dúvida, a proporção que a convivência com a linguagem é capaz de tomar; e tanto mais avança essa interação quanto mais, ao longo da vida, vamos nos dando conta de que, conscientemente ou não, passamos todo nosso tempo “tentando dizer algo impecavelmente” (Edmundson, 2013, e13.13). O estudante/estudioso de letras é um “apaixonado pela linguagem e pela vida — pelo menos, ávido por segurar tanta vida quanto possível” (Edmundson, 2013, e13.15).

A captura de “tanta vida quanto possível” é viabilizada somente por meio da profundidade que mencionamos no início deste texto. Os clássicos da literatura e da filosofia colocam-nos face a face com as grandes questões atemporais da humanidade, dilemas e imbróglis para os quais não temos uma saída nem explicação únicas. Para se ter uma ideia da vasta gama dos profundos impasses açambarcados pelas obras, consideremos, a título de exemplo, os sentimentos humanos. Por mais que a sociedade contemporânea se autoproclame adepta de um suposto Iluminismo benfazejo, racionalíssimo, não há qualquer possibilidade de nos entendermos enquanto seres humanos de modo que todo e qualquer sentimento seja de nós apartado, relegado ao limbo da racionalidade opressora. Um adendo, no entanto, é proposto por Edmundson (2013, e21.62):

não significa que os [Rolling] Stones e, quem sabe, mesmo Britney [Spears] não tenham valor. A fantasia importa. Mas acho que ensinar tais obras a pessoas que estão em busca de respostas para questões primárias talvez não seja o melhor caminho para empregar seu tempo.

Daí uma primeira missão a ser levada adiante conscientemente pelo professor de literatura/humanidades: cuidar para que sejam consideradas obras estéticas que contribuam na tentativa de construção de respostas para questões basilares, no que se refere à natureza e à vida humanas.

Mencionados o diagnóstico da sociedade e também a relevância dos discursos literário e filosófico, dediquemo-nos, por fim, a algumas considerações acerca da figura do professor, o guardião benevolente (não egoísta) de importantes chaves:

Nós, professores de literatura, seguramos a chave do armazém onde pães repousam frescos e emanando vapor enquanto, do lado de fora, há pessoas famintas por eles [...]. Devemos fazer tudo o que pudermos para abrir as portas e distribuir os pães: devemos ver o quão longe isso vai (Edmundson, 2013, e18.35).

Todo professor de literatura (entenda-se, por extensão: o professor de humanidades) é igualmente um estudante, um projeto em andamento — posicionamento que deve já desbancar qualquer forma de presunção. Sua contribuição central é ser o condutor de uma educação literária secular que viabilize “momentos de transformação” (Edmundson, 2013, e18.17). O professor/pesquisador da área tem a significativa potencialidade de afetar pessoas, tanto seus estudantes quanto pessoas da comunidade que, eventualmente, acompanhem suas palestras ou publicações (Edmundson, 2013, e3.16). Nosso auxílio é contribuir com a libertação de pessoas, descrevendo trajetória semelhante àquela registrada pela romancista Toni Morrison (1931-2019), que defendia o preceito de que quem é livre precisa libertar outrem. Não se trata de uma cruzada heroica a ser levada adiante de modo histriônico, mas sim de atuação cotidiana, peça por peça, partilhada com aqueles que se dispõem a permanecer em nosso entorno, desenvolvida primariamente nos limites de nossa sala de aula. O professor de humanidades entende — e essa é a beleza que deve conseguir assinalar para seus estudantes — que “as águas em que nós, seres humanos, nadamos, não são de qualquer entidade material” (Edmundson, 2013, e13.7), embora a mudança interior seja capaz de agregar mudança à materialidade que nos circunda.<sup>4</sup>

O professor de literatura/humanidades subsidia também dois importantes processos formativos de seus estudantes: primeiramente, sendo leitura e escrita práticas primárias do domínio das humanidades, o docente assume o papel de um leitor/redator mais experiente capaz de facilitar a estruturação e a clareza das ideias de seus aprendizes. Autoconhecer-se é reconhecer-se detentor de uma linguagem própria, apta a cumprir seus

---

<sup>4</sup> Nas palavras de Kaufmann (2017, p. 16), “o *ethos* das humanidades é diametralmente oposto àquele do tipo jornalístico”, o que confirma a ideia de que as humanidades não lidam com material efêmero nem com assuntos sensacionalistas ou instantâneos. É um domínio do conhecimento da resistência, da permanência. A publicação de espécimes efêmeros (os quais caracterizam a produção do perfil intelectual jornalístico) ameaça o futuro das humanidades devido ao rápido consumo com que são devorados (Kaufmann, 2017, p. 21).

objetivos nos mais diversificados contextos. Secundariamente, o trabalho em sala de aula não deve esquivar-se da aquisição de habilidades voltadas a trabalhos coletivos. O professor é um “facilitador — não um sábio no palco” (Edmundson, 2013, e17.27) e é direcionado por essa postura que consegue articular iniciativas didático-pedagógicas que contemplem a aquisição de habilidades em “comunicação, pensamento crítico, tecnologia e trabalho em equipe” (Edmundson, 2013, e17.27).

Malgrado as demandas contemporâneas relacionadas à elaboração e à implantação de currículos voltados a ideias que são vendidas ininterruptamente como as essenciais à ordem do dia — tais como cidadania global, multiculturalismo, educação para toda a vida —, uma reflexão instigante partilhada por Edmundson (2013, e21.67) nos provoca a pensar sobre os perigos do multiculturalismo. Nas palavras do autor: “meu receio sobre o currículo multicultural é que pode ser exigido, dos estudantes, que eles conheçam os outros antes de que conheçam a si mesmos”. Nesse sentido, o empenho vigilante do professor é para que não se distancie do perfil docente considerado o mais sensato e transformador, isto é, o perfil socrático.

Fazemos proveito deste ponto de parada para relacionarmos essa visão de Edmundson (2013, e5.35) à do filósofo alemão Walter Kaufmann (1921-1980), que também reconhece em Sócrates um dos arquétipos docentes mais promissores. Em sua obra *The future of the Humanities (O futuro das Humanidades)*, publicada originalmente em 1977, o autor mapeia a existência de perfis primários de mentes que, não sendo totalmente puros, povoariam os adoentados espaços docentes universitários. Esse é um diagnóstico feito por Kaufmann 48 anos atrás (!), para quem a academia se convertera em uma competição técnica desenfreada (Kaufmann, 2017, p. 38). O preço mais alto pago pelas humanidades diz respeito ao fato de estarem sendo avaliadas e medidas a partir de referências também técnicas, o que, desde o ponto de partida, corresponde a um falseamento da área humanística, assim como a uma truculência que se comete contra as atividades do espírito (Kaufmann, 2017, p. 41).

Visionários (também chamados de profetas), escolásticos (atrelados obcecada e cegamente à burocracia universitária, que não lhes permite nem enxergar o macrocontexto nem os objetos em perspectiva) e jornalísticos são perfis que se entrelaçam e que dariam origem aos múltiplos fazeres docentes no âmbito universitário. Não obstante, um perfil adicional chama a atenção de Kaufmann, que corresponde precisamente ao perfil docente socrático. É herdeiro de Sócrates o professor que se dispõe

a conduzir suas atividades norteando-se pela (auto)crítica e (auto)questionamento (Kaufmann, 2017, p. 30). Um ponto que a discussão de Kaufmann nos sugere fortemente é a seguinte: é necessário questionarmos os valores tomados como absolutos em nosso tempo. Se o professor universitário não pode executar essa tarefa, quem poderá fazê-lo? (Kaufmann, 2017, p. 27). É o *ethos* socrático que nos blinda da vaidade, uma vez que nos reconhecemos como permanentes professores em construção (Kaufmann, 2017, p. 33).

Cabe ainda ao professor de literatura/humanidades, desprovido de qualquer intenção doutrinária, conduzir seus estudantes pelo inventário cultural literário e filosófico da humanidade para que, cada estudante, a partir de suas próprias percepções e histórias de vida, possa mergulhar nesse estoque disponível e de lá extrair textos que (re)signifiquem sua existência. Os alunos podem então se humanizar a partir do contato com obras que lhes deem apoio em sua jornada existencial: “o professor, em outras palavras, inicia o diálogo secular com a fé, oferecendo a hipótese de que não há verdade humana sobre a boa vida, mas de que há muitas verdades humanas, muitos caminhos viáveis” (Edmundson, 2013, e21.45). É certo que o ensino de literatura/humanidades, nesse sentido, demanda coragem de seu facilitador, tendo em vista que a secularidade das obras literárias pode ser precipitada e equivocadamente julgada de forma intolerante. Tocar questões nevrálgicas e urgentes da natureza humana nunca se apresentou como tarefa completamente pacífica ou confortável, mas integra a ação do professor de literatura/humanidades acercar-se de temas complexos com consciência firme de seu trabalho, distanciando-se de doutrinações e de controvérsias desgastantes. A tarefa consiste em promover a aproximação de seus estudantes ao acervo cultural que temos à disposição. Para além de um compromisso universitário, trata-se de um direito que, muitas vezes, é negado aos nossos estudantes até momentos tardios de sua existência. Aos intolerantes, Edmundson (2013, e21.72) partilha conosco sua percepção final:

As pessoas podem ficar incomodadas quando imaginam um mundo em que todos nós, inspirados por poetas e outros artistas, criamos nossas próprias vidas, somente com o bem-estar comunitário e nossas falhas percebidas em nossa privacidade a nos encabrestar. Temem o caos. Temem a desordem. Mas talvez o que eles temam, mais verdadeiramente, seja a democracia.

Enquanto apresentação de outros comentários brilhantemente conduzidos na esfera das humanidades (isto é, os artigos desta edição, intitulada *Tapeçarias textuais: estudos em Linguística e Literatura*), este texto introdutório é convite para que relevantes temas das

humanidades sejam explorados, pelo leitor, a partir do ângulo de análise de seus autores. Desejamos que os artigos possam alcançar mentes corajosas, não receosas de desbravar o fértil território das letras, propondo-lhes análises que agreguem ao autoconhecimento e à construção de si, como se deseja que funcione todo bom diálogo na área das humanidades. Que o diálogo possa estabelecer-se com a chegada destes textos acadêmicos a leitores diversos, sobretudo quando o mundo enfrenta uma conturbada, sinistra e violenta polarização, a qual, infelizmente, tem outorgado voz e poder a quem cultua a economia acima de toda liberdade humana, em detrimento da criatividade de se pensar que, sim, outras vidas são possíveis.<sup>5</sup>

À medida que encrudesce a reificação da humanidade (engendrada por seres humanos contra os outros), parece confirmar-se o tenebroso veredicto de que, a uma parcela substancial da humanidade, parece terem sido negadas as benesses de uma educação verdadeiramente humanística. Embora não haja como transcendermos o perímetro da suposição, é como se a muitos agentes de violência jamais tivesse sido dada a chance de folhear (ao menos!) uma obra literária com potencial libertador, na esperança de que o simples toque pudesse ter se convertido em fagulha capaz de dar início (ainda que ínfimo) a um processo de auto-humanização. É em busca desse eldorado que nós, professores de humanidades, seguimos firmes.

Não é sem razão que os textos desta edição da revista Porto das Letras, *Tapeçarias textuais: estudos em Linguística e Literatura*, retratam fenômenos sociais compósitos responsáveis pela formulação de objetivos no interior dos quais se enquadram a refratária aquisição de saberes importantes para a modificação da atual conjuntura. Nem Linguística, nem Literatura, mas uma colaboração elucidativa entre uma e outra, como a prevista pelos eixos principais deste volume, é capaz de produzir o tão necessário espírito, *soi-disant*, das humanidades capaz de trazer a academia para seu lugar de mobilizadora de saberes e da orientação humana de sujeitos mais próximos do fazer transformador. Com esse cenário mais plácido e desejoso no horizonte, os organizadores almejam ótimas leituras e boas investigações a todos os leitores.

### Os organizadores

Prof. Dr.<sup>ndo</sup> Adriano Geraldo da Silva  
Faculdade Católica de Pouso Alegre / Universidade Estadual de Campinas

---

<sup>5</sup> A argumentação de Kaufmann (2017, p. 20) constata que habitamos um mundo sem poesia, metáforas e sem belos significados subjacentes. Habitamos uma realidade subjugada por lei e controle.

Profa. Dra. Ayda Elizabeth Blanco Estupiñán  
Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Prof. Dr. Rogério Lobo Sáber  
Universidade Estadual do Paraná

Prof. Dr. Thiago Barbosa Soares  
Universidade Federal do Tocantins/CNPq